

Sílvia Andreis-Witkoski
Marta Rejane Proença Filietaz
(Organizadoras)

EDUCAÇÃO DE SURDOS

Em debate



Editora
UTFPR

Estudos surdos no século 21: “*Deaf-gain*” e o futuro da diversidade humana¹

H-Dirksen L. Bauman
Joseph J. Murray

Este texto fornece uma visão geral do campo de Estudos Surdos, uma vez que surgiu no final do século 20. Em seguida, traz um novo quadro de retórica para direções futuras que este campo pode assumir no século 21. Historicamente, os Estudos e Comunidades Surdas foram colocados na defensiva, já que foram desenvolvidos dentro de quadros de “surdez como falta” e “deficiência”. Dentro dessas construções, as tentativas de livrar a sociedade da surdez têm sido realizadas como “progresso”; seja através da eugenia do século 19 a início do século 20, ou intervenções médicas contemporâneas e negação das línguas de sinais na educação de surdos. O resultado foi uma redução drástica no uso da língua de sinais entre as crianças surdas numa época em que, ironicamente, a pesquisa mostra os benefícios cognitivos da linguagem gestual para crianças com audição. Uma resposta vigorosa para o direito humano à educação da língua de sinais para crianças surdas pode ser melhor encontrada no reenquadramento da surdez, não como uma falta, mas como uma forma de diversidade humana capaz de trazer contribuições vitais para o bem maior da sociedade. Referimo-nos a esta noção como o oposto da perda de audição: *Deaf-gain*. Este texto explora os aspectos cognitivo, criativo e cultural da *Deaf-gain* com exemplos específicos, a partir de descobertas sobre a capacidade humana para a linguagem, os avanços na aprendizagem visual, e percepções criativas na arquitetura, literatura e padrões culturais coletivistas. No final, as pessoas surdas podem ser vistas através de uma lente da diversidade humana e, portanto, vale a pena valorizar como elas são, sem recorrer à “normalização”.

1 O que são Estudos Surdos?

O campo acadêmico dos Estudos Surdos é composto de abordagens interdisciplinares para a exploração de indivíduos Surdos, comunidades e culturas, e como eles

¹Originalmente publicado em inglês sob o título: Deaf studies in the 21st century: “deaf-gain” and the future of human diversity. In: NATHAN, Peter; MARSCHARK, Marc; SPENCER, Patricia Elizabeth (Editors). **The Oxford handbook of deaf studies, language, and education**. New York: Oxford University Press, 2010.

evoluíram dentro de um contexto maior de poder e ideologia. Os currículos de Estudos Surdos são susceptíveis de incluir perspectivas a partir da, entre outros, antropologia, linguística, teoria literária, educação bilíngue, e uma série de estudos culturais, incluindo práticas de gênero, deficiência, e estudos étnicos. Embora esta grande diversidade de disciplinas ofereça múltiplas perspectivas, a orientação fundamental do campo é derivada da noção de que as pessoas surdas não são definidas por sua falta de audição, mas por formas linguísticas, culturais e sensoriais do ser no mundo.

Com base neste preceito central, o campo dos Estudos Surdos cresceu a partir de alguns cursos na década de 1970 para oferecer seus primeiros programas de diplomação no início dos anos 1980 na Universidade de Boston e Universidade Estadual da Califórnia em Northridge. Desde aquela época, a Universidade Gallaudet estabeleceu um diploma de graduação de Estudos Surdos em 1994 e um mestrado em 2002. A Universidade de Bristol também oferece diplomas de graduação e pós-graduação em Estudos Surdos. Além de um número crescente de programas de concessão de grau em Estudos Surdos, conferências nacionais e internacionais, revistas e jornais, e um crescente corpo de pesquisas e publicações continuam a lançar luz sobre as implicações únicas linguísticas, culturais e epistemológicas da formação de uma variedade de Surdos da raça humana.

À medida que o campo de Estudos Surdos amadurece no século 21, ele se vê tendo que ir além das tarefas iniciais de explicar a cultura e identidade Surda para enfrentar perguntas sobre as mesmas razões que as pessoas Surdas e suas línguas de sinais devem continuar a existir. Este primeiro capítulo apresentará um breve panorama da formação dos Estudos Surdos no final do século 20 e, em seguida, examinará trajetórias atuais e futuras dos Estudos Surdos, que incluem uma reformulação fundamental dos significados de “surdo”, da “perda” para ganho.

2 Estudos Surdos no final do Século 20

A emergência do campo dos Estudos Surdos foi ocasionada pela convergência de duas ocasiões transformadoras. A primeira foi a revelação do estatuto linguístico completo das línguas de sinais. Uma vez que a natureza linguística da língua de sinais tomou conta, uma construção muito diferente dos usuários destas línguas parecia garantida. Na década de 1970, as pessoas Surdas começaram a se ver como pertencentes a uma minoria linguística ao invés de um grupo de pessoas ligadas pela incapacidade. Logo um grupo de trabalho e motivação da produtividade cultural emergiu e trabalhou para a reformulação da identidade surda a partir da patologia para a cultura. Para entender essa cultura, um conjunto de investigação foi rapidamente desenvolvido. A cultura de surdos precisava dos Estudos Surdos para explorar a si mesma.

Embora a validação das línguas de sinais e a formação da retórica cultural de Surdos sejam apontadas como as causas imediatas da formação dos Estudos Surdos, a causa remota, a razão maior é o surgimento de estudos étnicos e minoritários no último trimestre do século 20. Estes movimentos de estudos minoritários surgiram a partir de uma tradição dos Estudos Culturais, que foi colocado em movimento dentro da Escola de Birmingham de Estudos Culturais, onde uma crítica de estruturas de classe levaram estudiosos como Hoggart (1957), Williams (1958, 1961) e Hall (1973) a reconhecer que as ofertas curriculares tradicionais eram manifestações das ideologias da elite cultural. Na esteira da crítica da classe marxista (ERTING et al, 1993), a reconceitualização da identidade ao longo de um eixo de cultura ao invés de patologia (LANE; HOFFMEISTER; BAHAN, 1996; PADDEN; HUMPHRIES, 1988), é uma crítica das estruturas ideológicas dominantes que criaram relações de poder desiguais (DAVIS, 1995; LANE, 1992). Esta última atividade crítica pode ser encontrada de forma implícita ou explicitamente em todos os Estudos Surdos desde o seu início, e pode ser considerada um elemento definidor que distingue os Estudos Surdos de outras disciplinas que se desenvolveram em torno da condição audiológica de surdez. Estas profissões, a saber, a educação e a medicina, têm estado muitas vezes em uma batalha contenciosa com os Estudos Surdos para definir os significados da palavra determinada de cinco letras: SURDO².

Mas esse reexame e essa modificação foram tão longe, que algumas revistas acadêmicas, livros e programas acadêmicos adotaram o nome de Estudos Surdos sem incorporar sua orientação crítica básica. Quando a pesquisa sobre as práticas educacionais ou de reabilitação envolvendo pessoas surdas não reconhecem a presença generalizada do poder, elas frequentemente recolocam as construções ideológicas em questão por Estudos Surdos. Atualmente, muitos programas da Língua Americana de Sinais (ASL – *American Sign Language*) e Estudos Surdos são alocados em departamentos de Fala, Linguagem e Ciências da Audição em todo o país. Se alguém percebe as pessoas surdas como sendo identificadas com perda auditiva, então esta seria uma afiliação apropriada, entretanto há uma contradição fundamental na ideia de colocar o estudo de uma língua natural do ser humano e formação social dentro dos departamentos que se concentram em construções patológicas de línguas de sinais e seus usuários.

Para colocar isto em perspectiva, é difícil imaginar a inserção de estudos nativos americanos, latino-americanos, ou afro-americanos em revistas acadêmicas e departamentos com uma vista medicalizada desses grupos de pessoas. De fato, embora os linguistas da língua de sinais tenham contribuído para uma redefinição fundamental da capacidade humana para a linguagem, o campo dos Estudos Surdos ainda é encontrado

2 Nota do revisor: em inglês, quatro letras: *Deaf*.

(FURMAN; GOLDBERG; LUSIN, 2007). Atualmente, a ASL é a segunda língua mais ensinada nas faculdades comunitárias e a quarta mais ensinada nas faculdades e universidades (FURMAN et al., 2007) em cursos de 4 anos. Este crescimento do interesse em ASL também trouxe aumento do número de graduações de Estudos Surdos, programas e cursos, dada a conexão integral entre linguagem e cultura.

Com a proliferação de programas de Estudos Surdos e da produção acadêmica, o campo de Estudos Surdos é claramente uma base sólida e com expectativa para o crescimento continuado. No entanto, a popularidade da ASL e dos Estudos Surdos tem ocorrido principalmente entre os estudantes com audição, enquanto cada vez mais as crianças surdas não são educadas em programas acadêmicos bilíngues-biculturais, e assim resultando no paradoxo cultural que a ASL é promovida para indivíduos que ouvem, mas pode ser desencorajada entre indivíduos surdos (BAUMAN, 2008).

De fato, como será discutido mais tarde, a própria existência de várias línguas de sinais e suas comunidades podem estar em risco. Como resultado, é possível que o futuro das comunidades surdas e suas línguas recaiam na forma como os Estudos Surdos podem articular o valor de manter comunidades entusiásticas de surdos, de modo que não sejam lavados na onda de práticas de normalização que estão ganhando impulso no início do século 21.

No que se segue, examinamos a posição de que os Estudos Surdos acadêmicos encontram-se agora em uma defesa existencial do porquê as pessoas surdas e suas línguas devam continuar a existir. Para abordar essa questão, é importante olhar para os discursos passados e atuais da normalidade e como eles afetaram as vidas de surdos. Nós, então, delineamos uma mudança no campo dos Estudos Surdos a partir do interrogatório de surdez para a exploração de formas surdas de ser no mundo como métodos que contribuam para a diversidade cognitiva, criativa e cultural da experiência humana.

3 Estudos Surdos no Século 21: Lições da História da Normalização

Embora as ameaças do século 21 para a vitalidade futura das comunidades Surdas e suas línguas sejam muito reais, elas não são, de forma alguma, um desenvolvimento recente. O século 19 viu o desenvolvimento do conceito de normalidade emergir da ciência estatística e sua aplicação aos seres humanos e sociedade humana via testes de saúde física e mental (BAYNTON, 2000; DAVIS, 2006). Este conceito de uma norma substituiu um conceito anterior do “ideal clássico”, a diferença sendo, Davis (2006, p. 6) nota que “a maioria da população é ou deveria ser uma parte da norma”. As instituições designadas para a educação e tratamento de pessoas surdas

incorporaram a normalidade como um assunto de ouvir e falar com a pessoa surda e sinais relegados à categoria de “falhas orais”. Esta foi uma mudança dramática de entendimentos anteriores da língua de sinais, o que foi entendido pelos educadores, antes da guerra, como uma linguagem natural, que elevou seus usuários, trazendo-lhes a palavra de Deus (BAYNTON, 1996). Esta mudança no status da língua de sinais foi acompanhada por uma reconceituação das equipes surdas em potenciais ameaças para as sociedades nacionais. No contexto da ciência evolutiva e do aumento dos temores da infecção de organismos nacionais por “defeitos hereditários”, os temores de uma “raça surda-muda” foram levantados (BELL, 1883). As últimas décadas do século 19 viram um debate transatlântico entre os cientistas, educadores e legisladores sobre a suposta ameaça das pessoas surdas que se casam com outros surdos (MURRAY, 2002; VAN CLEVE; CROUCH, 1989).

Em ambos os casos, líderes surdos internacionais reagiram às forças da normalidade, redefinindo o que significa ser normal. Os líderes Surdos do século 19 viram muito valor no ensino de crianças surdas a falar, mas sustentaram que a normalidade estava na cidadania plena, e isso só poderia vir através de uma educação na língua de sinais. Nas reuniões nacionais e internacionais, os líderes surdos afirmaram sistematicamente que a língua de sinais era o melhor meio para educar crianças surdas. Isto não era apenas um fim, mas era um meio de formação de crianças surdas em cidadãos adultos, produtivos, que pagam impostos. Este argumento aceitou as premissas de grandes debates sociais sobre cidadania, mas apontou para um caminho alternativo a fim de alcançar os mesmos objetivos.

Uma recolocação semelhante de discursos sociais mais amplos para atender as maneiras de ser dos Surdos pode ser vista na oposição às intervenções na escolha dos cônjuges Surdos. Sua oposição foi enquadrada parcialmente em resistir às restrições sobre os direitos das pessoas liberais autônomas, especialmente do sexo masculino. Por que, perguntaram os líderes Surdos, os surdos devem ser desencorajados a se casar um com o outro, quando é justamente o casamento de Surdos com Surdos que levam a maior chance de felicidade para o casal? Se fosse no melhor interesse da sociedade ter famílias estáveis, então as pessoas Surdas deveriam ser autorizadas a se casarem com outras pessoas surdas. Em ambos os casos, a normalidade foi definida como a capacidade de participar de discursos sociais maiores, mas como pessoas Surdas que usam a língua de sinais (MURRAY, 2007).

Isso não quer dizer que as pessoas surdas sempre foram bem sucedidas em resistir às pressões de normalização. A educação oral, se não necessariamente a variante puramente oral, foi o método dominante de educação nas sociedades ocidentais durante décadas. Além disso, a Finlândia proibiu o casamento de certas categorias de pessoas surdas a partir da metade do século 20, com provisões de esterilização

antes que os direitos do casamento fossem concedidos (SALMI; LAKSO, 2005, p. 503; WALLVIK, 1997, p. 284-288). Na década de 30 na Alemanha, as pessoas surdas também foram vítimas de uma lei que procurou esterilizar aqueles vistos como hereditariamente doentes elaborada com a cumplicidade de professores e administradores de escolas para surdos e trabalhadores pastorais protestantes que trabalharam com pessoas surdas (BIESOLD, 1999). Mesmo aqui, no entanto, as pessoas surdas adotaram a maior retórica da eugenia relacionada com a promoção de populações nacionais saudáveis. No início do século 20, americanos surdos, estenderam as imagens de si e seus filhos como saudáveis e saudáveis (BURCH, 2002), adaptando-se as ideologias eugênicas a seus corpos Surdos. Os Surdos apresentaram reinterpretções de imagens eugênicas que poderiam fazer parte de suas vidas.

O que emerge dessas histórias é a interação contínua entre maneiras de viver dos Surdos no mundo e discursos sociais maiores, alguns dos quais buscam redefinir ou eliminar essas formas de viver. A maneira como a sociedade vê as pessoas surdas pode ser um termômetro da forma como a diferença é gerada. Os Surdos fazem parte de um pequeno subgrupo populacional em interação contínua com um aparato existente de profissionais pedagógicos e médicos. A existência de órgãos de autoridade de surdos prontos para agir sobre organismos Surdos torna as pessoas surdas um alvo para as políticas de normalização. A existência de comunidades surdas de longa data nos países ocidentais, politicamente organizadas, fornece um espaço para o surgimento de contra-discursos. A lição da história surda pode ser que nós vemos as pessoas surdas como o canário na mina de carvão da engenharia social.

4 Estudos Surdos no século 21: Ameaças Existenciais

Apesar dos avanços do século 20 feitos por Estudos Surdos, o terreno está novamente mudando. Novas tecnologias de normalização estão sendo aplicadas a pessoas surdas. Considerando que os primeiros 30 anos de Estudos Surdos poderiam ser resumidos pelo esforço para redefinir a identidade surda a partir da patologia para a identidade cultural, o futuro dos Estudos Surdos enfrenta as consequências reais de biopoder (FOUCAULT, 1990). Considerando que a movimentação eugênica à normalidade lidou com a dissolução estrutural da comunidade Surda, essa comunidade do século 21 enfrenta rápidos avanços em tecnologias que estão a reduzir seus números.

As perguntas, ao que parece, são ainda mais desafiadoras para os Estudos Surdos do que para outros campos de estudos das minorias. Ninguém discute, por exemplo, se as mulheres vão continuar a existir, ou se os afro-americanos continuarão a existir nas futuras gerações, no entanto, a questão-chave para os Estudos

Surdos é a questão existencial fundamental – *por que surdos e sua língua de sinais continuam a existir?*

Na verdade, esta é uma pergunta difícil de se fazer, e alguns podem se sentir ofendidos, com razão, como se alguém tivesse que defender o seu direito de existir, um direito que precede todos os outros. No entanto, esta pergunta está sendo feita em uma base diária, por conselheiros genéticos e futuros pais, na Câmara dos Comuns, e em blogs de Estudos Surdos. Para as comunidades Surdas, as implicações da tecnologia e intervenções biomédicas foram retomadas em produções teatrais, palestras, fóruns de comunidades e *videoblogs* a nível mundial (BURKE, 2007; FRONTRUNNERS, 2005; HAUALAND; OTTERSTEDT, 2007; MURRAY, 2006). Os Surdos são profundamente sintonizados com as condições sociais de mudança em que estão vivendo.

Dentro desta longa história de normalização, podemos agora ver as ameaças atuais para a língua de sinais e organismos surdos no contexto. Nas próximas seções, nós fornecemos uma visão geral das ameaças atuais e futuras de comunidades de Línguas de sinais, que aumenta rapidamente o implante coclear, juntamente com ambientes educacionais sem sinais, e avança em opções genéticas que permitem aos pais evitar ter bebês surdos em primeiro lugar.

5 A Ameaça às Línguas de Sinais

A preocupação foi levantada com a rápida diminuição da exposição precoce à língua de sinais (SNOODON, 2008), o que poderia levar a uma contração e potencial ameaça dessas línguas. Esta preocupação foi ecoada pelo escritor de ciência Michael Chorost em recente texto autobiográfico que gira em torno do uso de implantes cocleares:

Quando os historiadores do século 20 escrevem a história de implantes cocleares e o final da ASL... eles não encontram malícia. Não é um genocídio deliberado. Somente milhares de decisões racionais feitas separadamente acumulando gradualmente em uma onda computacional tão grande que até mesmo os olhos observadores mais claros só poderiam ver maravilha e tristeza (CHOROST, 2005, p. 144).

A preocupação de Chorost é sustentada pela análise apresentada por Trevor Johnston em seu artigo *W(h)ither the Deaf Community* (2004/2006), o que gerou uma atenção considerável, dado o seu prognóstico sombrio da morte pendente da língua para Língua de Sinais Australiana (Auslan). Johnston (2006) cita o declínio das taxas de surdez no nascimento, aumento das taxas de implante coclear, o aumento da colocação de ensino que não incorpora Auslan e os avanços na seleção genética que podem permitir que os pais evitem completamente ter crianças surdas. Johnston (2004,

p. 160) avisa os leitores que taxas de 75% de implantação coclear e a implementação sistemática de conhecimento genético para evitar nascimentos de surdos “pode efetivamente trazer um fim à comunidade na metade de uma vida”. Enquanto outros previram uma queda muito mais lenta e a sobrevivência final de Auslan (CARRY, 2006; HYDE; POWER; LLOYD, 2006), há um consenso de que, devido ao implante coclear e abordagens educacionais que não utilizam línguas de sinais, a exposição precoce a uma língua de sinais natural totalmente desenvolvida para crianças surdas está diminuindo. Conforme Johnston escreve: “o impacto ‘negativo’ do programa de implante coclear, no crescimento futuro da comunidade de sinais deve ser considerado significativo, irreversível e a caminho” (JOHNSTON, 2004, p. 157-158).

Embora Johnston esteja claramente correto ao observar o impacto que os implantes têm sobre a comunidade Surda, uma importante distinção deve ser feita na medida em que o implante em si não é a ameaça, mas sim os métodos de ensino que foram projetados para crianças com implantes cocleares. O mito desacreditado de que o uso de uma língua vai dificultar a capacidade da criança de usar outra língua provou ser especialmente tenaz quando as línguas em questão são de sinais e falada. Essa crença está enraizada em determinadas zonas geográficas, como Austrália, Dinamarca, e de Ontário, no Canadá.

O Presidente da Associação de Surdos dinamarquês relata um declínio precipitado de 99% correspondente no número de matrículas nas escolas de sinais para surdos (BERGMANN, comunicação pessoal, 16 de novembro de 2008) em lactentes e crianças com implante coclear. A partir de 2008, a *Skolen pa Kastel-ovej* (Escola de Surdos de Copenhague) não tem alunos suficientes para classes separadas de 1ª. a 4ª. séries, uma situação refletida em outra escola do centro (JOHANNSEN, comunicação pessoal, 29 de dezembro de 2008). Com um declínio tão rápido em ensino da língua de sinais para deficientes auditivos, famílias de surdos com crianças surdas migraram para Malmo, Suécia, para obter a educação baseada em língua de sinais.

Da mesma forma, Ontário, no Canadá, tem assistido a uma rápida contração da educação baseada em língua de sinais na primeira infância. Snoddon (2008, p. 583) observa que, “Em Ontário, o apoio público para a aprendizagem ASL não esteve disponível para lactentes e crianças jovens com implantes cocleares”. Esta redução significativa na exposição à Língua de sinais tem sido atribuída, em parte, ao aumento da terapia áudio-verbal (AVT), que enfatiza o desenvolvimento da linguagem falada através de terapia da fala intensiva em conjunto com amplificação (CRIPPS; SMALL, 2004). De acordo com Snoddon (2008, p. 584)

Dois hospitais infantis de Ontário exigem que as crianças surdas que se submetem a cirurgia de implante coclear se inscrevam no AVT. De acordo

com o consultor sênior do programa auditivo, terapeutas verbais se recusam a tratar as crianças que estão aprendendo a linguagem de sinais.

Tal negação sistemática da linguagem de sinais para crianças surdas é devastadoramente irônica, dada a explosão simultânea de interesse em ASL para crianças com audição.

Apesar de números esmagadores de crianças surdas matriculadas em ambientes educacionais sem sinais no início de suas vidas, muitas vezes elas não permanecem lá. De acordo com Akamatsu, Musselman e Zweibel (2000, p. 264-266),

93% das crianças com surdez severa ou profunda em Ontário tinham sido inicialmente matriculadas em programas de intervenção auditivo-oral, e 67% das crianças surdas da pré-escola tinham sido educadas oralmente, os números caíram para 58% para as crianças de ensino fundamental e 31% para os alunos do ensino médio.

Estas estatísticas sugerem que os indivíduos surdos gravitem em torno de uma educação baseada em sinais e uma comunidade de sinais mais tarde na vida. Claramente, isso teria um impacto sobre a natureza da linguagem e, com tão poucos usuários nativos da língua, isso poderia levar à construção de um fenômeno semelhante aos programas de revitalização de línguas americanas indígenas.

6 A ameaça aos Órgãos Surdos

A investigação sobre as causas genéticas da perda auditiva progrediu ao ponto em que mais de 100 genes para surdez foram mapeados, com um deles, o *Conexina 26*, identificado como o gene mais produtivo para causar surdez (ARNOS, 2003). Muitas pesquisas, atualmente na fase de identificação, estão estudando quais genes afetam a audição, e como. Como acontece com qualquer tecnologia médica, os objetivos finais são prevenção e cura. Assim, a investigação genética tem o potencial para a normalização final do órgão surdo: a sua eliminação. Embora isto ainda não seja iminente, pesquisadores da área têm “aumentado as esperanças de que os primeiros passos para a implementação de uma cura para [a perda auditiva] está próxima” (BROWNSTEIN; AVRAHAM, 2006, p. 199). Se isso viesse a acontecer, começaria provavelmente nos países em desenvolvimento, uma vez que o acesso a testes genéticos e aborto são menos acessíveis nos países do Sul global. Causas genéticas são responsáveis por cerca de 68% dos casos de crianças nascidas com uma perda auditiva nos Estados Unidos (MORTON; NANCE, 2006), e os pesquisadores estão explorando estratégias para diminuir a incidência de perda auditiva genética (KOCHHAR; HILDEBRAND; SMITH, 2007), bem como recomendar um papel para conselheiros genéticos de equipes de saúde da perda da audição (GENETIC..., 2002). Prevê-se que os números reduzidos de pessoas surdas reduzirão drasticamente o tamanho de uma

determinada comunidade Surda nacional, e junto com ele, a viabilidade dessa comunidade e sua língua de sinais (CARTY, 2006; JOHNSTON, 2006, p. 165).

Uma definição de normalidade com base na manipulação genética impediria a surdez de ser uma opção de vida aceitável. Neste ponto de vista, não seria socialmente aceitável para uma pessoa optar por ter um filho surdo. Podemos ver isso nas reações estridentes na mídia global e entre os membros do público em geral, sempre que aparecem histórias de pessoas surdas que querem crianças surdas (GRAY, 2008; MUNDY, 2002). Já podemos ver que esta atitude está sendo lida na legislação na Cláusula 14 (4) de Fertilização Humana do Reino Unido e da Lei Embriologia (HFEA). A HFEA pode ser interpretada para proibir a seleção de um embrião surdo sobre um não-surdo. A cláusula aponta:

9) As pessoas ou embriões que são conhecidos por terem uma anormalidade em gene, cromossomo, ou mitocôndria envolvendo um risco significativo de que uma pessoa com a anormalidade terá ou desenvolverá deficiência física ou mental grave, (b) uma doença grave, ou (c) qualquer outra condição médica séria, não deve ser preferido sobre aqueles que não são conhecidos por ter tal anormalidade” (OFFICE OF PUBLIC SECTOR INFORMATION, THE NATIONAL ARCHIVES, 2008).

Quando a HFEA foi apresentada como um projeto de lei ao Parlamento, a linguagem nas notas explicativas e um debate na Câmara dos Lordes, deixou claro que a ideia de embriões surdos foi uma inspiração importante para a cláusula. Um lorde comentou: “Espero que vossas senhorias estejam satisfeitos que a escolha deliberada de um embrião que é, por exemplo, suscetível de ser surdo, será impedido pela Cláusula 14” (BRYAN, 2007). Acadêmicos e ativistas comunitários possuem dentro e fora de si mesmos o potencial de ter um filho surdo. Neste caso, vemos um vislumbre de uma época em que o conceito de normalidade é projetado para o futuro: o seu potencial legado genético pode determinar se é ou não é permitido existir (BURKE, 2006; NOBLE, 2003). A forma como a genética e a surdez se desenrolará nos próximos anos, nos dará uma visão sobre as próximas décadas, quando a política social, a opinião popular, e a tecnologia genética vão remodelar os padrões de normalidade para todos os seres humanos.

Neste, e em outros debates existenciais, os Estudos Surdos têm um papel a desempenhar, que vai além dessas questões de imediato que confrontam as pessoas surdas. O escritor científico Michael Chorost refere a si mesmo como um *cyborg*, porque o seu implante coclear faz uma mediação entre o seu ser e o mundo, e ele sugere que sua experiência vai se tornar comum, assim como a tecnologia complementa as funções orgânicas do corpo humano (CHOROST, 2005). A genética da surdez não será determinante de como a humanidade confronta a engenharia genética, mas as estratégias e os discursos utilizados nas contestações de normalidade que estão

surgindo, neste caso, podem muito bem reaparecer quando aplicadas a outros casos de diversidade genética.

7 Deaf-gain: Diversidade Cognitiva, Cultural, e Criativa

Dadas as ameaças para a comunidade de sinais de Surdos pelas instituições médicas e educacionais da normalização, a comunidade Surda e os estudiosos dos Estudos Surdos encontram-se encurralados na questão existencial fundamental: Por que pessoas surdas continuam a existir? Na verdade, por que razão pode-se argumentar para a preservação do que a maioria considera uma deficiência?

Como Burke (2006) nota, tais argumentos bioéticos dependem da demonstração do valor intrínseco e extrínseco das comunidades Surdas e suas Línguas. Argumentos intrínsecos procuram provar o valor das pessoas surdas e as línguas de sinais para o seu próprio bem, ao passo que os argumentos extrínsecos demonstram as contribuições úteis de defesa de surdos. No entanto, os estudiosos estão começando a reconhecer que a resposta mais vigorosa seria cessar a argumentação contra as instituições médicas e educacionais da normalização e, em vez disso, ir para a ofensiva reformulando representações de surdez por falta sensorial para uma forma de diversidade sensorial e cognitiva que oferece contribuições vitais para a diversidade humana. Dentro da estrutura da diversidade humana, os estudiosos dos Estudos Surdos estão investigando as percepções que podem ser colhidas de pessoas surdas cujas estruturas cinéticas, espaciais e altamente visuais do pensamento e da linguagem podem lançar luz sobre os pontos cegos dos modos de audição de saber.

O valor extrínseco abrangente das comunidades Surdas e suas Línguas, então, pode ser melhor explicado pela disciplina emergente da diversidade biocultural, um campo que surgiu como uma área de pesquisa transdisciplinar para investigar as relações entre o mundo da linguística, diversidade cultural e biológica como manifestações da diversidade da vida. O impulso para o surgimento deste campo veio da observação de que todas as três diversidades estão sob ameaça por algumas das mesmas forças e também a partir da percepção de que a perda de diversidade em todos os níveis resulta em consequências dramáticas para a humanidade e a Terra (MAFFI, 2005). Um corpo de pesquisa começou a ligar as reduções na diversidade biocultural e linguística notando que, quando uma língua indígena morre, o conhecimento único do meio ambiente local, desenvolvido ao longo de séculos, morre com ela (HARMON, 2002; MAFFI, 2005; SKURNABB-KANGAS, 2000).

A maioria das previsões sugere que dentro do próximo século, metade das 6.000 línguas faladas no mundo vão desaparecer, que é a taxa de uma morte de língua a cada duas semanas (CRYSTAL, 2002). Atualmente não há estatísticas sobre o número de línguas de sinais no mundo, e claro, quando uma língua morre, pode não haver a mes-

ma quantidade de fatores biológicos e conhecimento perdido com ela. No entanto, na mesma linha, os estudiosos de Estudos Surdos podem começar a adicionar às noções de linguística e de biodiversidade novas categorias de diversidade em primeiro plano por linguagens de sinais, ou seja, a diversidade cognitiva, cultural e criativa.

Uma vez que nós colocamos as comunidades Surdas e suas línguas no âmbito da diversidade biocultural, um novo quadro emerge. A tarefa dos Estudos Surdos no novo século é o de fazer uma pergunta fundamental: Como é que ser Surdo reorganiza o que significa ser humano? De fato, quais as consequências dramáticas que surgem a partir das unidades (neo)eugênicas para a normalização? Abraçando as pessoas surdas e suas línguas levarão, invariavelmente, em direção a uma compreensão mais profunda da propensão humana para a adaptação. Diante da perda de sensibilidade, podemos apreciar melhor a natureza dinâmica e flexível da mente e da vontade humana de se comunicar e de formar comunidade. À luz disto, a surdez não é muito definida por uma falta fundamental, como em perda de audição, mas, como o seu inverso, como um meio para compreender a plenitude do ser humano, como *Deaf-gain*.

Deaf-gain, que exploraremos mais tarde, é a noção de que a orientação sensorial única de Surdos leva a uma forma sofisticada de língua visual-espacial que fornece oportunidades para a exploração do caráter humano. Neste espírito, a Declaração de Visão da Universidade Gallaudet se compromete a promover “o reconhecimento de que as pessoas surdas e suas línguas de sinais são vastos recursos com contribuições significativas para as dimensões cognitivas, criativas e culturais da diversidade humana” (<http://www.gallaudet.edu/mission.xml>). No que se segue, as direções contemporâneas e futuras para cada uma dessas formas de diversidade humana e *Deaf-gain* serão discutidas como trajetórias emergentes e futuras do campo dos Estudos surdos que demonstram coletivamente o valor dos Estudos Surdos para a academia e comunidades de Surdos para a humanidade.

8 Diversidade Cognitiva e *Deaf-gain*: Redefinindo a Natureza da Linguagem

O excelente exemplo do valor extrínseco de pessoas surdas e suas línguas é a redefinição completa da linguagem que surgiu como resultado dos estudos da língua de sinais. Assim como antigamente se pensava que a Terra plana era o centro do universo, assumiu-se que a linguagem só poderia assumir a forma de discurso. Agora que sabemos que o cérebro pode facilmente desenvolver sinais como uma língua falada, é preciso reconfigurar a nossa compreensão da linguagem, em todas as suas complexidades. Em quatro décadas de pesquisa a língua de sinais já aprofundou a nossa consciência da natureza da linguagem - da aquisição da Língua, a estrutura, e muito mais. Sabemos agora que o caráter fundamental do cérebro é a plasticidade e

flexibilidade (PETITTO *et al.*, 2000). Esta redefinição não teria surgido sem o estudo das Línguas de sinais, e pode ser visto como a instância inicial de *Deaf-gain*. Devido à existência de comunidades de sinais, linguistas e antropólogos têm sido capazes de espreitar o desenvolvimento da linguagem, revelando as percepções dos debates sobre o inato ou origens sociais da aquisição da língua (SANDLER *et al.*, 2005). Além disso, as línguas de sinais também forneceram uma visão sobre as teorias novas e reavivou as origens da linguagem (ARMSTRONG, 2002; ARMSTRONG; WILCOX, 2007; ARMSTRONG; WILCOX; STOKOE, 1995; CORBALLIS, 2003; STOKOE, 2001). As implicações dessas descobertas se estendem até o cerne do que significa ser humano, mas ainda têm de ser aplicadas à educação de surdos. Como Stokoe (2001, p. 16), escreveu:

o status de pessoas surdas, a sua educação, as suas oportunidades na vida, e utilização de seu potencial, tudo isso poderia ser muito maior se nós entendermos a maneira como as pessoas surdas ainda criam linguagem, isso pode ser o caminho pelo qual toda a raça humana se tornou humana.

Como resultado da tendência natural do ser humano aos sinais, os pais ouvintes estão cada vez mais usando a língua de sinais, com resultados que sugerem aumento linguístico, cognitivo e desenvolvimento social.

9 Diversidade Cognitiva e *Deaf-gain*: Linguagem Visual / Aprendizado Visual

Outra área importante de pesquisa futura na área de *Deaf-gain* são as formas específicas, visuais, altamente desenvolvidas no mundo, trazidas pela orientação sensorial única de indivíduos e comunidades surdas (BAHAN, 2008; MARSCHARK, 2003). A ligação entre as habilidades visuais-espaciais avançadas e o uso de línguas de sinais têm sido documentados em estudos de velocidade na geração de imagens mentais (EMMOREY; KOSSLYN, 1996; EMMOREY; KOSSLYN; BELLUGI, 1993), habilidades de rotação mental (EMMOREY; KLIMA; HICOCK, 1998), aumento na habilidade de reconhecimento facial (BETTGER *et al.*, 1997), aumento da habilidade de reconhecimento de periféricos (BAVELIER *et al.*, 2000), e aumento da cognição espacial (BELLUGI *et al.*, 1989³). Podemos tomar estes indícios de aumento da cognição visual-espacial e desenvolvê-los em futuras pesquisas sobre as práticas de aprendizagem visual para todos os indivíduos avistados. Os benefícios podem ser de grande alcance, pois, como Stokoe (2001, p. 20) reconhece “a visão pode ter uma vantagem, pois é neurologicamente um sistema fisiológico mais rico e

3 Ver também: PISONI, David B. Executive Function, Cognitive Control, and Sequence Learning in Deaf Children with Cochlear Implants. In: NATHAN, Peter; MARSCHARK, Marc; SPENCE, Patricia Elizabeth (Editors). **The Oxford handbook of deaf studies, language, and education**. New York: Oxford University Press, 2010.

complexo do que ouvir. A visão faz uso de muito mais do que a capacidade do cérebro de se ouvir”. Dada a unidade para diversificar a educação ao longo das linhas de “inteligências múltiplas” (GARDNER, 1993), faria apenas sentido que o mais visualmente orientado de todos os seres humanos assumisse a liderança em direção a experimentação futura na aprendizagem visual.

Como testemunho das promessas do campo da linguagem visual e aprendizagem visual, a Fundação de Ciência Nacional financiou recentemente um Centro de Ciência da Aprendizagem da Universidade Gallanctet para “obter uma maior compreensão das condições linguísticas, socioculturais e pedagógicas cognitivas biológicas que influenciam a aquisição da linguagem e do conhecimento através da modalidade visual” (VL2, 2008; <http://vl2.gallaudet.edu/>). Dada a imensa quantidade de informações processadas visualmente (para pessoas que enxergam), não é de estranhar que a aprendizagem pode ser melhorada quando a pedagogia se concentra em transmitir a informação visual (GARDNER, 1993; MOORE; DWYER, 1994). Este projeto vai além do modelo de educação de Surdos de abordar formas alternativas (leia-se: corretivas) de ensinar as pessoas surdas, para perguntar como a orientação visual das pessoas surdas para o mundo pode ser capaz de oferecer às pessoas auditivas novas formas de aprendizagem, mesmo em áreas tradicionalmente dominadas por uma orientação auditiva/fonética, tal como o desenvolvimento da alfabetização. De fato, como a textualidade no século 21 está se tornando cada vez mais visual e digital, há uma tendência de afastamento a partir de textos tradicionais impressos para vídeos e textos multimídia. As percepções das pessoas visualmente mais agudas do mundo podem fornecer percepções sobre como todos nós podemos processar informações visuais.

Se este for o caso, então os caminhos futuros dos Estudos Surdos, e a educação de Surdos, podem ter menos a ver com a perda audiológica do que *Deaf-gain*, ou seja, um ambiente de aprendizagem visual bilíngue pode ser tão rico em processamento de informações em vários canais que os pais auditivos querem que seus filhos passem a ir para escolas de linguagem de sinais. Neste cenário, a educação de surdos daria lugar a uma educação de língua dupla, aberta a todos os que desejam tal ambiente de aprendizagem. Dois exemplos desses tipos de escolas de língua de sinais bilíngues são P.S. 47: a *ASL – English Bilingual School*, em Nova Iorque e a Escola Cassato, perto de Turim, na Itália. De fato, antes de tal mudança de paradigma, enraizado de uma forma sistemática, o status de línguas de sinais como línguas acadêmicas teriam que ser repensadas.

10 Diversidade cognitiva e *Deaf-gain*: Língua de Sinais e Discurso Acadêmico

Tradicionalmente, as Línguas de sinais têm sido vistas como essencialmente Línguas “orais” já que não possuem uma forma escrita.⁴ A sabedoria comum afirma que a escrita é um elemento essencial para o desenvolvimento da literacia, tão essencial como é a água para nadar. A palavra “literacia”, afinal de contas, deriva do grego *littere*, ou “carta”. No entanto, como Kuntze (2008) sugeriu, assim como definições de idioma mudaram - na esteira da validação de línguas de sinais, também pode ter sido alterada a definição de literacia. Kuntze mostra como se pode demonstrar características de alfabetização, por escrito, nas modalidades visuais e de sinais. Uma dessas características, observa Kuntze (2008), é a inferência.

Se a informação que um indivíduo recebe “é expressa em linguagem escrita, ou numa língua diferente, como ASL ou em um modo diferente, como filme, o ato de fazer inferência será necessário se quisermos alcançar uma interpretação mais rica do conteúdo” (p. 150). Claramente, podem-se exercer outras estratégias de pensamento crítico, utilizando uma linguagem não escrita, como ASL ou através de filmes.

A evolução das definições de literacia estão acontecendo em conjunto com tecnologias de vídeo emergentes que permitem uma maior facilidade de produção de textos acadêmicos em ASL. Uma vez que os jornais em vídeo, como o *Deaf Studies Digital Journal* (dsdj.gallaudet.edu) amadureçam, as normas para publicação acadêmica em línguas de sinais vai se desenvolver. O significado do discurso acadêmico em ASL pode ser mais proeminente se as dimensões visuais, espaciais e cinéticas da linguagem forem exploradas para o seu maior poder retórico. Por exemplo, imagine quão precisamente um professor de biologia fluente em ASL - descreveria o processo de mitose celular, usando o sistema classificador rico da ASL para indicar os pares de cromossomos, divisão e paredes celulares, de se dividir, para que os alunos possam testemunhar a reconstituição linguística de um processo físico, ou a descrição precisa do filósofo francês da noção de “microfísica do poder”, o que seria mostrado como uma dispersão de vários locais de poder em toda a sociedade, ao invés de um modelo do todo para o detalhe mais tradicional do poder de Michel Foucault. O ponto aqui é que as línguas de sinais são ricas no que Taub (2001) chama de “iconicidade metafórica”, em que ideias complexas são demonstradas através de metáforas visuais-espaciais. Tal linguagem não falta na abstração, mas ganha em clareza da representação concreta de ideias complexas.

4 Apesar de nenhuma forma escrita ser amplamente aceita, tem havido muitas tentativas ao longo da história. Uma das primeiras é *Mimography* de August Bebian (RENARD, 2004), o mais conhecido é provavelmente *SignWriting* (<http://www.signwriting.org/>), e uma forma nova e promissora está sendo desenvolvida por Amold (2007).

Esta vantagem única da Língua de sinais foi originalmente articulada no início do século 19 pelo professor de surdos Auguste Bebian (1984, p. 151), que acreditava que “a Língua de sinais tem uma capacidade superior para expressar operações mentais”. A diferença, Bebian (1984, p. 151) explica, é que a linguagem falada é fundamentalmente arbitrária, mas o discurso em linguagem de sinais, pode “frequentemente adquirir uma certeza auto-evidente ou se tornar um absurdo manifesto a todos”. Na verdade, o estudante de biologia poderia dizer, “os cromossomos divididos”, enquanto que o aluno de biologia de sinais revelaria as imagens mentais internas de sua concepção de como os cromossomos são divididos visualmente e espacialmente. Da mesma forma, o estudante de filosofia revelaria o grau de precisão de seu entendimento da concepção única de Foucault de “poder” através do arranjo espacial de sua descrição. Claramente, a validade de tais observações sobre as qualidades únicas de discurso intelectual na língua de sinais agora estava diante de domínios da educação de surdos, Estudos Surdos, e linguística para explorar essa veia de potencial do *Deaf-gain*.

11 Diversidade Criativa e *Deaf-gain*: Linguagem de Filme / Língua de Sinais

As comparações foram feitas frequentemente entre a linguagem cinematográfica e as Línguas de sinais (BAHAN, 2006; BAUMAN, 2006; SACKS, 1990). Além dos meios linguísticos tradicionais de descrever as línguas de sinais através de fonologia, morfologia, sintaxe, pode-se também ver usuários da língua de sinais fluentes como cineastas do cotidiano, uma habilidade que é intensificada nos usos literários e dramáticos da língua de sinais. De fato, quando visto através da lente da gramática de filme (ARLJON, 1991), as línguas de sinais apresentam um quadro constante de *close-up* e tomadas distantes, repleta de movimentos de câmera e técnicas de edição. Dada uma relação cognitiva tão íntima com a gramática cinematográfica, temos de saber o que as inovações podem surgir se tivéssemos que investir na educação cinematográfica da próxima geração de crianças surdas. Mais uma vez, nenhuma pesquisa foi realizada a este ponto sobre as possíveis inovações que emergem de cineastas Surdos, mas tal exploração é claramente uma trajetória importante para Estudos Surdos para explorar o potencial de *Deaf-gain* nesta área. Um programa de filme educativo rigoroso em escolas para surdos teria o benefício adicional da inserção de uma voz pública surda em meios populares.

12 Diversidade Criativa e *Deaf-gain*: Espaço Surdo e o Ambiente Construído

Apesar dos Estudos Surdos serem inerentemente interdisciplinares, não se pode pensar imediatamente na arquitetura como uma importante área de intercâmbio criativo. No entanto, em 2005, a Universidade Gallaudet organizou uma oficina

de dois dias *Deaf Space*, o que resultou no crescimento de uma série de cursos de Estudos Surdos, no *Gallaudet University Deaf Space Design Guide* (H. Bauman), e na incorporação de alguns princípios fundamentais do espaço surdo no *Sorenson Language and Communication Center*, em Gallaudet.

O projeto de espaço Surdo não se concentra em questões de alojamento, mas sim na estética cultural Surda que é incorporada no ambiente construído. Na oficina original, em 2005, uma estética comum emergiu do que foi descrito como orgânico, curvilíneo, e banhado em luz. Desde aquela época, alunos e professores têm pesquisado questões fundamentais, tais como as qualidades da iluminação, proximidade de apoiadores e a tensão entre espaços abertos, visualmente acessíveis e privacidade. Embora a noção de espaço Surdo seja gerada desde a concepção do ambiente ideal para surdos, o preceito básico é que os princípios espaciais Surdos criariam edifícios excepcionais para todos, independentemente do *status* audiológico.

Um estudo mais aprofundado do espaço Surdo, e planejamento no futuro dos Estudos Surdos, também podem levar a uma compreensão da urgência que as comunidades Surdas podem ter reforçado por ganhar controle sobre os espaços onde as pessoas surdas vivem. Como indivíduos surdos nascem em uma dispersão entre as famílias de audição, eles estão sujeitos a uma condição diaspórica, desde o início (ALLEN, 2007). De fato, uma das principais diferenças entre a minoria linguística de usuários de língua de sinais e outros grupos linguísticos é que as pessoas surdas nunca ocuparam uma pátria. Eles podem se reunir em escolas residenciais, mas estes espaços foram projetados com arquitetura asilo do século 19 - dificilmente a criação autóctone de um grupo com laços profundos com a terra.

De escolas para clubes de Surdos, os espaços Surdos têm geralmente refletido o projeto de arquitetos de audição. Em um nível pessoal, no entanto, as pessoas surdas têm uma longa tradição de renovações de casa que têm semelhanças, tais como o aumento do alcance visual em toda a casa - que permite maior comunicação visual, bem como um senso de conexão (MALZKUHN, 2007). O significado cultural das renovações da casa e a relação do surdo com o lugar não pode ser subestimada, pois, como Findley (2005, p. 5) notou, “não ter o controle de um espaço que se está ocupando é, de alguma, maneira desmoralizante”. Por esta razão, as pessoas Surdas sempre sentem a necessidade de sonhar com uma pátria, das propostas de Jacob Flournoy do século 19 para um estado de Surdos (KRENTZ, 2000) até a recente proposta de Laurent, Dakota do Sul (WILLARD, s/d) como apenas como uma pátria. De fato, como Le Corbousier escreveu: “a ocupação do espaço é a primeira prova da existência” (FINDLEY, 2005, p. 5). Assim, as pessoas Surdas podem encontrar arquitetura e comunidade planejando um elemento essencial para a revitalização linguística e cultural. Tal exploração futura resultaria na diversidade do design e qualidades de espaços vivos.

13 *Deaf-gain* e Diversidade Criativa: Literatura da Língua de Sinais

Assim como a validação da língua de sinais revolucionou o estudo ou a linguagem, assim também deve a natureza da literatura ser repensada a partir do zero. As propriedades visuais e espaciais únicas da Língua de sinais a torna um meio particularmente rico para a imagem poética e metáfora (BAUMAN, 2008; BAUMAN; NELSON; ROSE, 2006; DAVIDSON, 2008; TAUB, 2001; WILCOX, 2000). Durante séculos, os escritores têm procurado estender ambos os aspectos visuais e performativos da literatura, resultando em várias formas experimentais, da unidade da pintura e poesia nas obras de William Blake, à poesia concreta, batida, e poesia de performance.

A poesia de sinais estende ambas as tradições performativas e visuais de literatura em novas formas. A prática poética da língua de sinais tornou-se cada vez mais inovadora no uso de formas textuais visuais, como poetas de linguagem de sinais têm experimentado com a interação dos componentes do movimento cinematográfico, linguagem de câmera, edição, prosódia visual, encenação e língua de sinais. A colaboração de Ella Mae Lentz com Lynette Taylor (LENTZ, 1996), e poetas holandeses Wim Emmerik e colaboração de Giselle Meyer com Anja Hiddinga e Lendeert Pot (HIDDINGA et al., 2005) representam o potencial criativo de uma mistura de técnicas cinematográficas com poesia de língua de sinais.

Além de experimentação com textualidade visual, a poesia da Língua de sinais amplia o incorporado, a tradição performativa, exemplificada pela poesia de palavra falada da geração *Beat*. Allen Ginsberg, por exemplo, reconheceu o enorme potencial de desempenho da língua gestual, quando ele participou de um encontro de poetas surdos e auditivos, em Rochester, Nova Iorque. Quando ele pediu aos poetas surdos para traduzir a frase *hydrogen jukebox* de seu poema *Howl*, Patrick Graybill respondeu com uma tradução que levou Ginsberg a exclamar “que é exatamente isso que eu tenho tentado transmitir, a clara imagem dele” (COHN, 1999; COOK, 2006).

Da mesma forma, a história do teatro revela um duradouro desejo humano por espetáculos visuais, não-verbais. A história da mímica e quadro teatral, e explorações em teatro visual experimental por diretores e escritores como Antonin Artaud e Robert Wilson, indicam que o teatro anseia por chamar a atenção para as modalidades espaciais e cinéticas. Golden (2009) sugere que a linguagem do teatro de surdos/língua de sinal e a prática de teatro visual se envolvam em uma troca para o benefício mútuo de cada prática. Claramente, a natureza altamente visual do teatro surdo, Golden (2009) sugere, pode aumentar o gênero do teatro visual.

14 Diversidade Cultural e *Deaf-gain*: Comunidade Surda Transnacional

As ferramentas dos estudos culturais que serviram os Estudos Surdos tão bem em épocas anteriores também já mudou. Estudiosos têm posto em causa a velha antropologia da cultura, com a sua linguagem de entidades culturais limitadas, o contato cultural e a comunicação intercultural. Os perigos do essencialismo ganharam urgência crescente, especialmente entre os estudiosos do sul da Ásia, que vêm os resultados do essencialismo religioso nos violentos confrontos no subcontinente indiano (APPADURAI, 2006). Estudos Surdos começaram a englobar uma perspectiva cosmopolita, transnacional que se move fora da fase de legitimação da categoria de surdos e em uma investigação crítica sobre a natureza do ser surdo, como formas de compreender e viver como os surdos moldaram os mundos material e ideológico de pessoas Surdas e ouvintes. Na verdade, a própria alegoria de “mundos Surdos” e de “mundos ouvintes” está sendo entendida como um produto de um determinado conjunto de condições históricas (MURRAY, 2007).

Há um pequeno, mas crescente, grupo de trabalho que explora como as pessoas surdas interagem através de fronteiras nacionais (BREIVIK; HAUALAND; SOLVANG, 2002; MURRAY, 2007; NAKAMURA, 2006). O contato transnacional entre as pessoas surdas existe desde o início do século 19, surgindo em uma série de banquetes Surdos-mudos parisienses, e uma esfera pública transnacional de Surdos que se desenvolveu ao lado de uma série de congressos internacionais de pessoas surdas a partir de 1873 (LADD, 2003; MURRAY, 2007). Esta esfera criou um campo discursivo compartilhado em que as pessoas Surdas poderiam articular estratégias comuns da vida como minorias visuais nas sociedades regidas por princípios auditivos.

Tomando uma orientação transnacional para a vida das pessoas surdas destaca-se a comunhão de maneiras de ser dos surdos, mas, paradoxalmente, também aumenta nossa compreensão das pessoas surdas como intimamente ligadas a construções discursivas locais do país e da sociedade. A assembleia física de grande número de pessoas surdas, muitas vezes traz consigo uma reorganização do espaço físico de acordo com as normas de Surdos, já que as pessoas surdas colonizam temporariamente partes de uma cidade em eventos quadrienais de grande escala, como a Federação Mundial dos Congressos de Surdos (*World Federation of The Deaf Congress*) ou competições desportivas Surdolimpiadas. Uma compreensão completa da reorganização espacial que ocorre e sua implicação em termos de *Deaf-gain* ainda precisam ser realizados. No entanto, vendo a vida das pessoas surdas em diferentes contextos nacionais, também entendemos como as pessoas surdas são integradas em seus contextos nacionais e sociais. Há muitas maneiras de ser surdo, porque as pessoas surdas não são isoladas das sociedades em que vivem (MONAGHAN *et al.*, 2003).

Um quadro ampliado de referência, naturalmente incluirá o hemisfério sul, que terá um papel cada vez mais proeminente em comunidades transnacionais Surdas do futuro, especialmente se análises demográficas atuais sobre os países desenvolvidos tenderem como previsto (JOHNSTON, 2006). As disparidades econômicas entre o Norte e o Sul resultaram em taxas menores de implante coclear, menor uso de testes genéticos, e obstáculos na prevenção de doenças infantis, todos com o resultado da expansão da população de crianças surdas e potenciais nativos de sinais. Esses fatores, provavelmente, não persistirão, mas o que eles significam para a atual geração de pessoas surdas é que o desequilíbrio demográfico entre as pessoas surdas em desenvolvimento e os países desenvolvidos provavelmente vai se tornar ainda mais importante com o raro uso de linguagem gestual, presumivelmente, se deslocando para os países em desenvolvimento também. “O local central dos Estudos Surdos pode muito bem mudar de países ocidentais para o Sul global, a partir de comunidades nacionais discretamente delimitadas para uma matriz mais fluida de redes com afinidade de vários tamanhos e formas, existente tanto no espaço físico como virtual” (BREIVIK de 2007 KUSTERS, 2007).

15 Diversidade Cultural e *Deaf-Gain*: Sinal Internacional e Língua de sinais

A comunicação em reuniões internacionais de indivíduos Surdos muitas vezes ocorre em Sinal Internacional (SI), uma forma de comunicação internacional que emerge quando usuários das línguas de sinais diferentes entram em contato. A maioria das pesquisas sobre SI até o presente estudou suas propriedades linguísticas. Embora essas pesquisas ainda estejam em desenvolvimento, conclusões iniciais indicam que a SI tem mais propriedades de linguagem semelhante a línguas de contato, outra forma de comunicação que surge quando duas ou mais línguas entram em contato (SUPALLA; WEBB, 1995). Há evidências de que o SI está sendo usado desde o início do século 19 (LADD, 2003), quando foi usado para o discurso político em reuniões internacionais, bem como em interações informais entre Surdos viajantes (MURRAY, 2007).

A capacidade de Surdos que usam a língua de sinais de conhecer e interagir através de fronteiras linguísticas - sem compartilhar uma Língua comum de antemão, já existe há pelo menos dois séculos. Parte disso é, sem dúvida, devido à experiência comum de ser surdo nas sociedades não surdas. Um autor atribui essa facilidade de compreensão a uma teoria da mente compartilhada entre as pessoas Surdas, o termo referindo-se à capacidade de “habitar e intuir” a consciência de outra pessoa (FOX, 2008, p. 80-81). Fox observa que sinais semanticamente relacionados para os processos mentais (pensar, decidir, acreditar) estão localizados na ou perto da cabeça na

ASL e línguas de sinais europeias (FOX, 2008, p. 82), assim, possivelmente, ajudando os usuários de uma língua de sinais para entender outra língua de sinais. O estudo da IS ainda está em seus estágios iniciais e as questões permanecem.

Se a comunicação internacional por sinais já existe há dois séculos, houve continuidade nas propriedades estruturais lexicais ou de outros SI nesse período? Podemos caracterizar “isso” como um “isso”, ou houve muitas versões de SI ao longo das décadas? A comunidade de usuários tem existido, mas estava lá a transmissão geracional e se assim for, o que isso nos diz sobre as propriedades da linguagem - como as propriedades do SI? Além de um foco no SI como uma entidade distinta, perguntas de SI são levantadas por sua própria existência. No mínimo, SI põe em questão a inevitabilidade de diferenças linguísticas, com o seu aparelho de interpretação, e levanta questões mais amplas sobre as histórias e as modalidades de comunicação entre grupos linguisticamente distintos de pessoas.

O estudo da IS é parte de um grupo de trabalho que vai além do estudo de línguas de sinais sob marcadores nacionais - ASL, a língua de sinais dinamarquesa (*Danish Sign Language*) - para uma percepção de que a língua de sinais existe em um diversificado leque de situações e comunidades. Os estudiosos têm visto uma língua de sinais nascida na Nicarágua (SENGHAS, 1995, 2003) e estão estudando o uso de sinais entre uma comunidade beduína em Israel (FOX, 2007; SANDLER et al., 2005), uma das muitas comunidades ao redor do mundo onde tanto a audição e as pessoas surdas usam sinais (GROCE, 1985; JOHNSON, 1994; MARSAJA, 2008; ver Capítulo 185). Existem benefícios óbvios para os estudiosos em ver fenômenos linguísticos no campo: os estudiosos nunca presenciam uma língua falada sendo criada, e o estudo da língua de sinais nicaraguense permite aos linguistas a oportunidade de ver se suas teorias estão corretas. Pense nos astrofísicos sendo capazes de testemunhar o *Big Bang*. Além disso, a existência e persistência das línguas de sinais nos permite compreender a diversidade de modos humanos de ser e de se comunicar, e oferece um desafio direto à concepções de normalidade que seria atrelar todos os seres humanos em um buraco quadrado fonocêntrico.

16 Diversidade Cultural e Deaf-gain: Cultura Coletivista de Surdos e o Futuro da Comunidade

Um crescente corpo de pesquisa aponta para a dissolução de um senso de comunidade e engajamento cívico. O livro *Bowling alone: the collapse and Revival of American Community* [Jogando boliche sozinho: O Colapso e Renascimento da Co-

5 Ver também: LEDERBERG, Amy R. Expressing Meaning From Communicative Intent to Building a Lexicon. In: NATHAN, Peter; MARSCHARK, Marc; SPENCE, Patricia Elizabeth (Editors). **The Oxford handbook of deaf studies, language, and education**. New York: Oxford University Press, 2010.

munidade americana], de Robert Putnam, aponta para os fatores de trabalho, televisão, computadores, vida suburbana e as estruturas familiares como tendo contribuído para este declínio. Outros estudos confirmam as observações de Putnam, observando que as redes sociais e senso de conexão das pessoas têm tido uma queda acentuada nas últimas três décadas (McPHERSON; SMITH-LOVIN; BRASHEARS, 2006). Como uma cultura que apresenta um alto grau de coletivismo (MINDESS, 2006), as relações culturais surdas podem oferecer percepções e exemplos para entender, se não imitar. As proximias circulares de pessoas surdas, como eles se alinham para serem vistos, são a personificação estrutural das relações não hierárquicas. Embora Derrida (1973) destacou a importância de “ouvir falar” como uma fonte principal de obter uma sensação de presença, as pessoas surdas não podem nem se ouvir falar nem totalmente se ver sinalizando (BAUMAN, de janeiro de 2008). Admitindo-se que usuários da linguagem de sinais podem ver os seus próprios movimentos da mão como sua vantagem, eles nunca serão capazes de ver seus próprios rostos, que são tão vitais para o conteúdo linguístico e emocional de expressão da língua de sinais. A sensação de presença transmitida através do sistema de ouvir-se falar é radicalmente alterada através do autoconhecimento da própria assinatura. A sensação da presença de usuários da língua de sinais, então, é obtida através da presença do outro. Esta confirmação constante da presença através do rosto do outro pode explicar parcialmente a prevalência do coletivismo de culturas Surdas. Embora a importância do engajamento prolongado face a face e contato com os olhos ao longo da vida não possa ser subestimado, pouca pesquisa tem sido feita para compreender as implicações psicológicas de formas Surdas de estar juntos.

Um estudo está em andamento para examinar a natureza do contato humano no exemplo da “caminhada de Surdos”, em oposição à caminhada de audição (SIRVAGE, s/d). Como dois indivíduos com audição se envolvem em uma discussão durante uma caminhada, eles simplesmente precisam garantir que estão perto o suficiente e falar em voz alta o suficiente para o outro para ouvir. Não há necessidade de contato com os olhos. Significativamente, quando as pessoas surdas andam a pé, no entanto, elas se envolvem em contato visual constante, e, mais significativamente, eles devem cuidar de outra pessoa, alargando a sua visão periférica para garantir que a outra pessoa não baterá em nenhum objeto. Embora isso possa parecer uma questão menor, há uma grande lição sobre a natureza das relações coletivistas dos surdos. Usuários da língua de sinais cuidam uns dos outros, sejam eles estranhos ou amigos íntimos, quando envolvidos em uma conversa peripatética. Estudos futuros devem investigar a expansão da noção do caminhar de Surdos para formas culturais mais amplas para se obter lições para uma sociedade cada vez mais isolada.

17 Resumo e Conclusões: Produção de Mídia e Voz Pública dos Surdos

Esta breve discussão da diversidade humana e *Deaf-gain* pouco tem a ver com uma crítica de audismo, ou qualquer outra postura defensiva que tem grande parte caracterizada no final do século 20 e início dos Estudos Surdos do século 21. A crítica das relações de poder que forma uma atividade principal de todos os estudos culturais está implícita em apontar o que foi perdido na superintendência da linguagem gestual e comunidades de Surdos como tendo valor intrínseco e extrínseco à diversidade humana. Tirando partido das maneiras singulares de ser surdos, as formas de produção cultural podem fornecer novas áreas de experimentação e percepção, deixou escondidos nos pontos fracos fonocêntricos dentro das formas que as práticas e disciplinas culturais evoluíram.

Commerson (2008) sugeriu que tal reformulação da diversidade humana e Estudos Surdos seria mais provável de ocorrer se houvesse uma forte presença visual na mídia. Se a surdez é reenquadrada em falta de ganhar, então a sensação de ganho pode ser incorporada através de personagens em filmes, televisão, vídeo, sites da internet, jornais e outras formas do discurso público. Dadas as ameaças existenciais para as comunidades Surdas e suas línguas, a prática de Estudos Surdos do século 21 deve passar de uma postura defensiva para uma que procura ativamente para redefinir a percepção do público e fazê-lo rapidamente.

Como estudos surdos do século 21 defendem tanto o valor intrínseco e extrínseco, é preciso ponderar que este argumento não é simplesmente para a preservação dos surdos e as línguas de sinais para o bem da exploração científica do caráter humano. Em vez disso, os Estudos Surdos podem querer tomar a posição de contra-intuitivo de que todos os indivíduos seriam enriquecidos por tornar-se um pouco mais Surdos. Com isso queremos dizer à sociedade que faria bem tornar-se mais consciente das nuances de comunicação, mais envolvida com o contato visual e relações táteis, mais fluente em uma língua rica em metáfora incorporada, mais consciente do papel de ser um membro de comunidades solidárias, e se nada mais, mais capazes de apreciar a diversidade humana, de modo que somos constantemente lembrados de que a base da realidade pode ser tão diáfana como qualquer outra construção social. Como Sandel (2007) argumenta em *The Case against perfection* [O Caso Contra a Perfeição], a diversidade humana nos ensina o valor de ir de uma ética dos indivíduos moldados para contemplá-los em suas extraordinariamente ricas formas de ser.

REFERÊNCIAS

AKAMATSU, C. T; MUSSELMAN, C.; ZWEIBEL, A. Nature versus nurture in the development of cognition in deaf people. In: SPENCER, P.; ERTING, C.; Marschark, M. (Eds.). **Development in context: The deaf child in the family and at school**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. 2000. p. 255-274.

ALLEN, S. **A deaf diaspora: exploring underlying cultural yearnings for a deaf home**. 2007. Master's Thesis, Gallaudet University, Washington D.C., 2007.

APPADURAI, A. **Fear of small numbers: an essay on the geography of anger**. Durham, NC: Duke University Press, 2006.

ARIJON, D. **Grammar of the film language**. Los Angeles: Silman-James Press, 1991.

ARMSTRONG, D. **Original signs: gesture, sign, and the sources of language**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2002.

ARMSTRONG, D.; WILKOX, S. **The gestural origins of language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

ARMSTRONG, D.; WILKOX, S.; STOKOE, W. **Gesture and the nature of language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

ARNOLD, R. **Proposal for a written form of American Sign Language**. Unpublished master's thesis, Gallaudet University, Washington, DC, 2007.

ARNOS, K. The implications of genetic testing for deafness. **Ear and Hearing**, v. 24, p. 324-331, 2003.

BAHAN, B. Face-to-face tradition in the American deaf community: dynamics of the teller, the tale and the audience. In: BAUMAN, H-D.; NELSON, J.; ROSE, H. **Signing the body poetic: essays on American Sign Language Literature**. Berkeley: University of California Press, 2006. p. 21-50.

BAHAN, B. On the formation of a visual variety of the human race. In: BAUMAN, H-D. (ed.). **Open your eyes: deaf studies talking**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008. p. 83-89.

BAUMAN, H. **Gallaudet university deaf and diverse campus design guide**. Washinton, DC: Gallaudet University Institucional Document, [in press].

BAUMAN, H-D. Getting out off line: Toward a visual and cinematic poetics of ASL. In: BAUMAN, H-D.; NELSON, J.; ROSE, H. **Signing the body poetic: essays on American Sign Language Literature**. Berkeley: University of California Press, 2006. p. 95-117.

BAUMAN, H-D. Body/text: sign language poetics and spatial form in literature. In: LINDGREN, K.; DeLUCA, D.; NAPOLI, D. J. (ed.). **Signs and voices: deaf culture, language, identity and arts**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2008. p. 163-176.

BAUMAN, H-D. Listening to a phonocentrism with deaf eyes: Derrida's mute philosophy of (sign) language. **Essays in Philosophy**, v. 9, n. 1. Disponível em: <http://www.humboldt.edu/~essays/bauman.html> Acesso em: 22 out. 2009.

BAUMAN, H-D.; NELSON, J.; ROSE, H. **Signing the body poetic: essays on American Sign Language literature**. Berkeley: University of California Press, 2006.

BAVELIER, D. et al. Visual attention to the periphery is enhanced in congenitally deaf individuals. **Journal of neuroscience**, v. 20, p. 1-6, 2000.